



Universidade Federal do Ceará
Centro de Ciências
Departamento de Geografia
Licenciatura em Geografia

Otacílio Rodrigues Gadelha

Memorial Descritivo

Mapas da vida: Reflexões do meu percurso pessoal e profissional
enquanto estudante de Licenciatura em Geografia.

Fortaleza, 2023

OTACÍLIO RODRIGUES GADELHA

Mapas da vida: Reflexões do meu percurso pessoal e profissional enquanto estudante de Licenciatura em Geografia.

Trabalho de conclusão de curso (memorial) apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientadora: Dra. Adryane Gorayeb

Fortaleza

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G12m Gadelha, Otacílio Rodrigues.
Mapas da vida : reflexões do meu percurso pessoal e profissional enquanto estudante de Licenciatura em Geografia / Otacílio Rodrigues Gadelha. – 2023.
45 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Adryane Gorayeb Nogueira.
1. Ensino de Geografia. 2. Conhecimento Geográfico. 3. Comunidades Tradicionais. 4. Pesquisa em Geografia. I. Título.

CDD 910

OTACÍLIO RODRIGUES GADELHA

Mapas da vida: Reflexões do meu percurso pessoal e profissional enquanto estudante de Licenciatura em Geografia.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

Aprovado em __/__/____

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Adryane Gorayeb (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Lígia de Nazaré Aguiar da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Ma. Vitória Valentim de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Diogo (*in memorian*) e Helena

À minha tia, Eliedina (*in memorian*)

Às minhas avós, Zita (*in memorian*) e M^a José

À minha querida amiga Lúcia Aguiar

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me ter guiado e permitido chegar aonde cheguei atualmente, realizando meus sonhos, me protegendo e guiando para sempre alcançar mais metas.

Agradeço aos meus pais, Diogo (*in memorian*) e Helena que não mediram esforços para me apoiar e incentivar, sempre com muito zelo e amor, tornando os momentos mais difíceis e desafiadores um pouco mais fáceis. Seu amor e legado estarão sempre comigo onde eu estiver.

À minha avó (*in memorian*), Eliezita, a qual eu lembro todos os dias com saudade e carinho.

À minha avó Maria José, a qual sempre me incentivou a continuar estudando para ter uma vida melhor, além de me mostrar que o mundo é bem maior do que imaginamos.

À minha tia Eliedina (*in memorian*), a qual sempre demonstrou amor e cuidado com seus sobrinhos, nos fazendo lembrar sempre de seus ensinamentos e histórias.

Aos meus amigos de turma, em especial Vitória Valentim, Marcos Vinicius, Felipe Matheus e Anderson Marreira, agradeço por todas as risadas e apoio no decorrer do curso.

Às minhas amigas, Lígia, Bete, Ana Lúcia, Ana Paula e Amanda por serem minhas maiores apoiadoras na construção deste trabalho, me fazendo ver a importância de ter um diploma e finalmente me formar.

Ao meu psicólogo João Aristides, que além de terapeuta me ajudou em diversas questões acadêmicas deste trabalho, o meu muito obrigado.

Ao meu namorado, Firat, pelo apoio, amor e compreensão, desde o início até a conclusão deste trabalho. Este apoio foi fundamental para eu não desistir.

E claro, a minha orientadora Adryane Gorayeb, por ter aceitado me orientar nesta jornada de construção do tcc, mesmo eu estando afastado há alguns anos do Departamento de Geografia, os meus mais sinceros muito obrigado.

Resumo

O presente memorial descritivo tem como base minha trajetória acadêmica a partir do ingresso no curso de Licenciatura em Geografia no semestre 2016.2. Durante o percurso acadêmico, pude experimentar diversas vivências marcantes, especialmente em projetos voltados para comunidades tradicionais em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Em paralelo, a inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) possibilitou a condução de pesquisas sobre diferentes temas relacionados ao meio ambiente. Essas experiências foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e pessoal. Também falo sobre o ensino de geografia e como o mesmo me moldou enquanto profissional e ser humano. Portanto, este memorial descritivo perpassa por toda a minha jornada desde o ingresso na universidade, passando pela vivência em projetos de extensão, iniciação científica e estágios, até a minha mudança de carreira e país, delineando as experiências e reflexões que moldaram minha formação como futuro licenciado em geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Conhecimento Geográfico; Comunidades Tradicionais; Pesquisa em Geografia.

Abstract

The present descriptive memorial is based on my academic journey since joining the Geography Teaching course in the 2016.2 semester. Throughout my academic path, I have experienced various impactful events, particularly in projects aimed at traditional communities facing socio-economic vulnerabilities. Simultaneously, my participation in the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) enabled me to conduct research on different environmental-related topics. These experiences have been pivotal for both my academic and personal growth. I also delve into geography teaching and how it has shaped me as a professional and as an individual. Therefore, this descriptive memorial encompasses my entire journey from university enrollment, through involvement in extension projects, scientific initiation, and internships, to my career change and relocation to another country, outlining the experiences and reflections that have shaped my development as a future Geography teacher.

Keywords: Geography Teaching; Geographic Knowledge; Traditional Communities; Geography Research.

Sumário

1. Introdução.....	9
2. O início de tudo.....	10
2.1 A entrada na universidade.....	10
2.2 Primeiras impressões da Academia.....	12
3. Projetos de pesquisa e suas contribuições.....	14
3.1 Os projetos de extensão.....	14
3.2 Os projetos de iniciação científica.....	21
4. O ensino de geografia.....	28
4.1 As disciplinas introdutórias e teóricas.....	28
4.2 Estágio Curricular Supervisionado I.....	30
4.3 Estágio Curricular Supervisionado II.....	33
4.4 Estágio Curricular Supervisionado III e IV.....	37
5. A mudança atual de carreira.....	42
6. Conclusão.....	45

1. INTRODUÇÃO

A jornada acadêmica é uma longa jornada repleta de encontros transformadores, reflexões e marcos da trajetória acadêmica. No presente memorial, busco refletir sobre toda a minha trajetória no curso de Licenciatura em Geografia da UFC, iniciado no ano de 2016.2 terminando com o fechamento deste ciclo sete anos depois, no semestre 2023.2.

O curso que originalmente deveria durar 4 anos, foi uma longa jornada onde enfrentei os mais diversos obstáculos (incluindo uma pandemia grave em nível mundial) mas que busco o encerramento deste ciclo no presente semestre. Descrevo aqui minhas experiências formativas, passando pelo ensino de geografia, a vida acadêmica e os projetos externos à universidade mas que foram essenciais para o eu de atualmente.

O presente memorial é dividido por três partes as quais estão explicadas cronologicamente, no início busco falar sobre a entrada na universidade e como fui impactado nos primeiros semestres de UFC, e como preparei minha vida acadêmica desde o início até chegar aos dias de hoje. Esses primeiros passos foram a base para uma jornada transformadora, ressoando não somente no Otacílio profissional, como no Otacílio humano.

A segunda parte do trabalho vem desbravar o mundo acadêmico através da minha perspectiva, mostrando minhas contribuições de pesquisa e extensão nos projetos em que fui bolsista durante a minha jornada universitária e como contribui, mesmo que brevemente, para ajudar as pessoas de comunidades tradicionais.

No capítulo seguinte, exploro o ensino de geografia e como os estágios e disciplinas de educação foram essenciais para o meu conhecimento sobre o magistério, uma profissão cheia de desafios, mas que ao mesmo tempo é recompensadora, mas sem a romantização do que é ser professor no dia a dia, e minhas conclusões sobre o ser educador.

Para finalizar, termino descrevendo onde me encontro atualmente, o fechamento deste ciclo que já dura sete anos, e como a geografia me fez chegar onde estou hoje em dia, estando presente em todas as esferas da minha vida e também sobre como estará no futuro.

2. O INÍCIO DE TUDO

2.1 A entrada na Universidade.

Este memorial descritivo começa a partir do meu ingresso no curso de Licenciatura em Geografia no semestre 2016.2. Confesso que Geografia não era minha primeira opção, mesmo tendo afinidade com a disciplina durante a educação básica, entretanto, já no primeiro semestre me identifiquei bastante com o curso e estava aproveitando grande parte do que a universidade tinha para oferecer.

Além disto, desde a educação básica, tive a certeza de que a Universidade Federal do Ceará era o lugar onde eu pretendia cursar o ensino superior, portanto sendo até aquele momento minha maior realização pessoal, além da identificação com o curso, me sentia feliz e com a certeza de que, naquele momento, era onde eu deveria estar.

Logo nos primeiros dias de aula, percebi que tinham outras pessoas da turma na mesma situação na qual eu me encontrava quando entrei no curso, pessoas as quais não tinham a geografia como primeira opção. Logo no fim do primeiro semestre, pudemos ver que algumas dessas pessoas não se encontraram e acabaram deixando o curso.

No meu caso, cada mês que passava eu me conectava mais ao curso e já começava a conhecer pessoas as quais iam fazer toda a diferença no decorrer da jornada que ia ser a graduação. Além disso, a ansiedade para viver a geografia aumentava cada vez mais.

No primeiro semestre, já sabíamos que íamos viver experiências práticas de campo, algo que nos deixava ansiosos, pois era novo para todos. Além disto, outro aspecto que sabíamos que chegaria, mas não sabíamos como ia ser, era o contato com o ensino de geografia. Tais tópicos serão desenvolvidos mais profundamente adiante, pois ambos me moldaram enquanto - quase - professor de geografia.

Por fim, no final do primeiro semestre, havíamos sido introduzidos à parte inicial do que seria o ser geógrafo. As disciplinas de Geografia Humana, tais como História do Pensamento Geográfico e Geografia da População, nos inseriram em duas realidades bem interessantes e que geraram um excelente conhecimento da ciência geográfica.

Na história do pensamento geográfico, aprendemos por exemplo, que a ciência geográfica foi criada porque havia necessidade histórica e social de se entender o que estava acontecendo em determinados momentos históricos, como coloca (Mornul, 2013). Assim, pudemos começar a compreender que absolutamente tudo em nossas vidas e sociedade, tem a geografia como base, seja ela para responder perguntas ou compreender situações.

Baseado nisso, no decorrer do primeiro semestre vimos que dentro do Departamento de Geografia da UFC, haviam vários laboratórios direcionados às áreas específicas da ciência geográfica, que abarcavam tudo que imaginamos enquanto sociedade e natureza.

Por conta disso, começamos a ter uma afinidade maior com as disciplinas introdutórias do curso, e ali surgiram nossos interesses em participar ativamente de algum laboratório enquanto membro.

Particularmente, em meu caso, acabei tendo mais afinidade com a disciplina de cartografia, pois passei a compreender que a ciência cartográfica tem um conceito muito mais amplo e dinâmico do que estudávamos no ensino médio. A cartografia também serve para ajudar pessoas em situação vulnerável a terem voz perante a sociedade, para mostrarem que estão inseridas no contexto social e que precisam de cuidados, por exemplo. Na figura 1 vemos o fim da disciplina.

Fig. 1. Encerramento da disciplina de Cartografia



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

2.2 Primeiras impressões da academia

Já no final do primeiro semestre, percebendo a afinidade que tinha à disciplina de Cartografia, acabei por conversar com a coordenadora do Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social (Labocart), a prof.^a Dra. Adryane Gorayeb, que gostaria de participar das atividades do laboratório enquanto voluntário.

Assim, no semestre 2017.2, passei a fazer parte do referido laboratório. Já nas primeiras reuniões, pude entender as linhas de pesquisa e estudo dos bolsistas, entendendo que o foco dos projetos, estava em ajudar comunidades tradicionais. E naquele momento meu conhecimento do que era o mundo parecia ainda menor, ao ver que muitas pessoas ainda vivem 'invisíveis' tendo a Universidade como um dos únicos lugares a lhes darem voz.

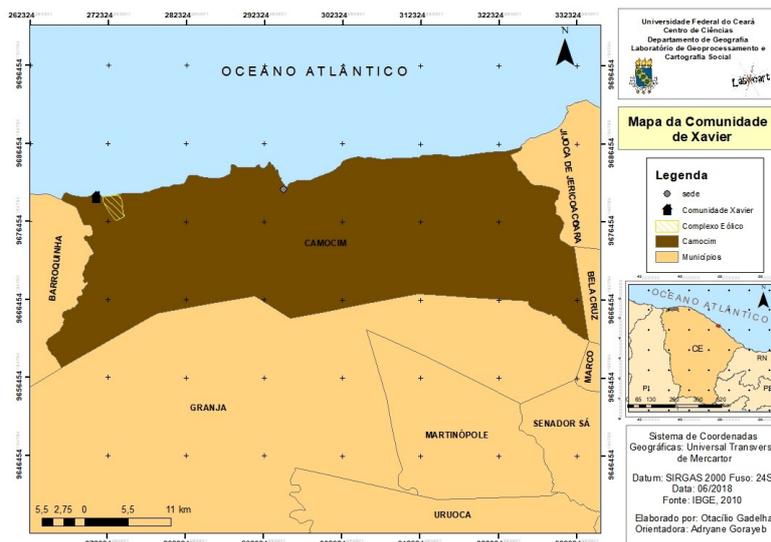
Passei então a ler sobre o tema de comunidades tradicionais e como estão configuradas na sociedade. Pude compreender, por exemplo, que a cartografia social pode ser um instrumento de luta perante os acontecimentos político institucionais observados no nosso país, através da compreensão do conceito básico de espaço, como coloca Carvalho (2018).

Essa compreensão fez com que eu percebesse que durante minha jornada no Labocart, essa era a linha de pesquisa que eu gostaria de seguir. Por conta disto, no começo do segundo semestre, uma oportunidade de bolsa de extensão surgiu, com foco em ajudar uma comunidade tradicional pesqueira, e eu acabei me inscrevendo para a seleção.

Após ser aprovado no processo para bolsista de extensão, estudei mais a fundo para compreender o perfil da comunidade e as dificuldades que enfrentava naquele momento. A referida comunidade, é pesqueira; fica no município de Camocim - CE, vivendo de agricultura e pesca de subsistência. Comunidade de Xavier.

A referida comunidade, figura 2, era foco de estudo do laboratório pois sofria com os impactos de um parque eólico instalado em seu território, causador de conflito entre comunidade e empresa, ocasionado por problemas advindos da instalação do referido equipamento.

Fig. 2. Mapa da Comunidade pesqueira de Xavier



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Naquele momento, apesar de estar ainda no segundo semestre de graduação, participar do laboratório, entender mais sobre o mundo acadêmico e sua contribuição para a sociedade me fizeram ter a certeza de que continuaria pesquisando e estudando, para quem sabe - naquele momento ainda não fazia ideia do que estava por vir; continuar no mestrado e doutorado.

No decorrer da graduação, continuei engajado a mais projetos acadêmicos, dentre eles participei do Programa de Iniciação Acadêmica (PIBIC), em um projeto atrelado ao de extensão, na mesma comunidade a qual já vinha estudando enquanto bolsista de Extensão.

Nos semestres seguintes, acabei por ser bolsista de iniciação científica em um projeto do Ministério da Saúde, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), e além disso, também fui bolsista em um projeto de extensão na mesma instituição de ensino.

Portanto, as primeiras impressões da academia, e minha vontade de continuar estudando e pesquisando, foram fatores determinantes para eu continuar em outros projetos, e alguns semestres depois, começar a pensar nos próximos passos, no que se refere à pós graduação.

3. PROJETOS DE PESQUISA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

3.1 Os projetos de extensão

Como sabemos, a Universidade é dividida em três pilares: Ensino, Pesquisa e Extensão. Este último, é o fator onde vamos agir diretamente a favor da comunidade externa, como forma de mostrar que os impostos que pagamos enquanto cidadãos, estão voltando de alguma maneira para ajudá-los.

Neste sentido, como bolsistas do Laboratório de Cartografia Social, nosso dever era ajudar pessoas em situações de vulnerabilidade socioeconômica, com foco em comunidades afastadas e que para defender interesses externos e financeiros, sempre foram marginalizadas.

Como dito anteriormente, a Comunidade de Xavier era o meu foco de estudo, e no decorrer deste tópico analisaremos desde o início da jornada, passando pelos campos e falando dos resultados gerados pela pesquisa mencionada.

Voltando ao segundo semestre de graduação, após ser aprovado na seleção da bolsa, comecei a ter responsabilidades enquanto bolsista e que precisaria entender coisas antes desconhecidas em pouco tempo. Uma destas era a análise da comunidade e seus elementos, mas indo dialogar diretamente com os moradores daquele lugar.

Portanto, uma das minhas primeiras tarefas era organizar um campo para visitar a comunidade, me apresentar e criar laços com os moradores, afinal, sempre soubemos que deveríamos ter uma conduta ética e mostrar as pessoas que estávamos lá para ajudá-los de alguma maneira a enfrentar o problema em questão.

Organizar o primeiro campo não foi fácil, além da parte logística, também deveria desenvolver um projeto para realizar as atividades de extensão. Confesso que foi uma tarefa bem difícil, afinal estava apenas no segundo semestre e como uma pessoa ansiosa, tive alguns entraves. Felizmente contei com a ajuda de colegas que já estavam realizando suas pesquisas a mais tempo, os quais acabaram me auxiliando naquele momento.

Passada essa primeira parte, no final do semestre 2017.1, fomos finalmente à nossa primeira visita à comunidade pesqueira de Xavier, saímos em 4 pessoas e

percorremos pouco mais de 5 horas até chegar à localidade. Sendo recompensados com um lindo pôr do sol naquela tarde de sexta-feira.

Fig. 3. Comunidade de Xavier, em Camocim - Ceará



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A comunidade de Xavier contava com 22 famílias as quais obtinham seu sustento através da pesca artesanal e da agricultura de subsistência. A comunidade tinha sido afetada pela instalação de um parque eólico em seu território no ano de 2009, e desde então vinha tendo conflitos com o empreendimento.

Como colocou Mendes (2016), a implantação do parque foi um processo conflituoso, com falhas no processo de licenciamento, diversos impactos e alterações na comunidade. Dentre os diversos impactos que a comunidade passou a enfrentar foi a falta de frequentadores à praia de Xavier.

O extenso litoral de Camocim conta com bonitas praias, que atraem a atenção de muitos frequentadores. Durante nossas conversas informais, os moradores da comunidade nos contavam que também era de seu interesse que a praia pudesse ser frequentada, pois além de tudo traria uma forma a mais de ganhos financeiros, ajudando na situação.

Por conta disto, o foco do projeto extensionista naquele momento, era ajudá-los, na medida do possível, com ideias para que aquele ponto da praia passasse a ser atrativo a frequentadores, ocasionando em uma alternativa a mais para captar recursos financeiros.

No decorrer do projeto, a ajuda dos colegas bolsistas foi de extrema importância para obter êxito ao fim daquela pesquisa. Para a minha grata surpresa,

em uma conversa com minha orientadora, professora Adryane, fui informado de que uma nova bolsista de mestrado iria começar suas pesquisas, na mesma área e local de estudos em que eu estava trabalhando.

Naquele momento, conheci (a pessoa que viria a ser minha melhor e mais próxima amizade mesmo fora da universidade) Lígia Aguiar, que estava iniciando seu mestrado na área de energia eólica, e assim como eu, também era nova na Universidade Federal do Ceará.

Desde então, passamos a ajudar um ao outro durante os campos de visita à comunidade, bem como, na medida do possível, na vida acadêmica. Confesso que os campos com a Lígia, até então, tinham sido os melhores e mais proveitosos, pois estávamos construindo uma amizade verdadeira e éramos extremamente parceiros.

Voltando ao assunto da pesquisa, naquele momento tivemos a ideia de fazer oficinas com o intuito de atrair pessoas à praia de Xavier, especificamente na barraca da dona De Jesus, a moradora que nos dava suporte em todas as visitas à comunidade. Então, para tentar agregar em algo nos seus dias, resolvemos fazer uma oficina de salgadinhos fritos (bolinhas de peixe, de queijo, coxinhas, que comumente são consumidos em uma visita à praia).

Fig. 4. Oficina de salgadinhos que proporcionamos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Além das oficinas oficiais, outra atividade que levávamos para a comunidade eram sessões de cinema, a qual se davam por exibir filmes como forma de

entretenimento. Essas sessões serviam também para confraternizar com a comunidade, um momento de estar com eles sem as obrigações do trabalho.

Alguns autores colocam inclusive, que para fazer pesquisas em comunidades tradicionais, não basta somente ir até ela e iniciar os trabalhos, o pesquisador deve estar inserido na rotina da comunidade, criar laços para além da obrigação acadêmica e, na medida do possível, estar engajado em seu dia a dia.

Fig. 5. Sessões de cinema na associação da comunidade



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Desenvolver uma pesquisa na comunidade de Xavier, fez com que eu pudesse ter uma outra visão de mundo. Como costumo dizer, minha passagem pela academia foi essencial para a construção de quem eu sou. Sempre digo que sou extremamente sortudo por ter passado por um curso de geografia, pois este nos abre horizontes e nos faz ter noção da imensidão que é o mundo.

Até hoje, sei que ainda tenho muito a conhecer e explorar, mas se eu não tivesse vivido tudo que vivi nesses 4 anos, seguramente não seria tão empolgado de conhecer e viver outras realidades, as quais falarei mais adiante. Mas sem dúvidas, Xavier foi a primeira dessas e meu sentimento com a comunidade é de gratidão.

Mais à frente abordarei os resultados das pesquisas na comunidade pesqueira e como isso afetou positivamente minha graduação.

Ainda falando sobre projetos extensionistas, no segundo semestre de 2018, após finalização das atividades na comunidade de Xavier, surgiu a oportunidade de

uma outra bolsa de extensão, mas, dessa vez, atrelada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), e com outra orientadora.

Confesso que naquele momento, senti um pouco de nervosismo pois além de estar indo para outro projeto, outra coisa me deixava apreensivo, a troca de orientadora. Por se tratar de um outro projeto e em outra instituição, a prof.^a Adryane não iria mais me orientar, e em seu lugar eu teria uma outra pessoa como orientadora.

Essa pessoa era a professora Anna Erika Ferreira Lima Meireles (*in memoriam*), um dos seres humanos mais gentis que já tive o prazer de conhecer na minha vida. Ser orientando da prof.^a Anna Erika foi algo que também me marcou, sua gentileza, seu modo de orientar e a amizade que construímos no decorrer dos estudos foi algo que levarei para o resto da minha vida, mesmo que atualmente não pense em continuar na academia.

A professora Anna Erika era coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Descendentes e Indígenas (NEABI) e também tinha o foco de realizar pesquisas em comunidades tradicionais. Nesse segundo projeto de extensão, nosso foco de estudo era a comunidade da Sabiaguaba, em Fortaleza.

O projeto era intitulado “Digitais de Diálogos: Saberes ambientais e alimentares para as crianças da Sabiaguaba”, um projeto que envolveu estudos sobre a insegurança alimentar das crianças daquela comunidade.

Fig. 6. Primeira reunião da equipe de pesquisadores do projeto



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Nossas oficinas na comunidade da Sabiaguaba, eram voltadas principalmente para as questões alimentares, bem como de conscientização do rico ecossistema que

cerca aquela localidade. As oficinas eram realizadas na Casa Camba, que é a biblioteca e também espaço para as crianças brincarem na comunidade.

Essas oficinas eram muito proveitosas, em nossa equipe contávamos não só com geógrafos, mas também com nutricionistas e estudantes de outros cursos que também eram bolsistas do NEABI.

Em uma delas, por exemplo, mostramos a importância de comer frutas e como poderíamos fazer refeições divertidas, já que as crianças têm dificuldades em comê-las. Lembro de termos cortado as frutas em formatos diferentes, também de ter feito uma salada de frutas saudável e no final foi só alegria de todas as partes.

Fig. 7. Finalização da oficina com as crianças



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

A principal diferença de trabalhar em uma comunidade na sua própria cidade, é sem dúvidas perceber que ali tão pertinho de você, também tem pessoas na mesma situação que as que estão distantes dos centros, mas que assim mesmo o poder público não intervém para que tenham mais qualidade e dignidade em suas vidas. Algo que me deixou bastante reflexivo na participação desse projeto.

Outra atividade desenvolvida durante a extensão na Sabiaguaba, envolvia a conscientização acerca do vasto ecossistema que cerceia a comunidade como um todo. Nesta oficina, nosso dever era explicar para as crianças como funciona o ecossistema que está tão próximo a elas.

Confesso que este dia foi um dos mais legais e proveitosos de todo o projeto, pois mostrar para eles, na prática, que aquele lugar é importante e deve ser preservado é de extrema importância para continuarem tendo seus recursos, já que dali também tiravam seu sustento.

Uma coisa interessante para destacar, é que mesmo se tratando de crianças, em todo o momento do trajeto também íamos perguntando a eles coisas sobre a localidade, para que pudessem ver que não estaríamos ali somente para falar, mas também para escutar o que tinham para dizer, afinal ninguém tem o melhor local de fala do que os próprios moradores.

Fig. 8. Equipe do NEABI no barco onde a aula foi dada



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Se tratando de extensão, considero que minhas participações foram bastante exitosas para o meu crescimento pessoal e profissional, pois ali aprendi a lidar com as pessoas de uma maneira mais branda e empática, e tudo isso me moldou para que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor com o passar do tempo. Serei eternamente grato pela oportunidade que me foi concedida.

3.2 Os projetos de Iniciação Científica

No seguinte tópico, falo um pouco das minhas experiências enquanto bolsista de iniciação científica. O PIBIC, como é conhecido o Programa Institucional de Bolsas

de Iniciação Científica, é o programa que marca o início da vida de um pesquisador, e naquele momento, como já falei anteriormente, pretendia seguir carreira acadêmica.

Ainda enquanto estava desenvolvendo as pesquisas do projeto de extensão, uma bolsa voluntária de iniciação científica surgiu, o foco de estudo era os impactos do ruído de geradores eólicos em uma comunidade tradicional, sendo esta exatamente a comunidade de Xavier, a qual eu já estava familiarizado por conta da extensão.

Os trabalhos seriam desenvolvidos em conjunto com uma pesquisa de mestrado, também sobre o referido tema, e que teria Lígia como pesquisadora. Prontamente aceitei a proposta da professora Adryane e já me sentia eufórico para começar os estudos, pois como dito anteriormente, uma bolsa de iniciação científica é muito importante na vida de um jovem pesquisador.

Como estávamos familiarizados com a comunidade, os trabalhos foram bem dinâmicos e proveitosos. No meu caso, a pesquisa se daria pelo método qualitativo, pois esta utiliza a percepção dos moradores e podemos analisar os dados obtidos através de entrevistas e questionários. Portanto, iria coletar os dados para analisar e escrever meu primeiro artigo.

A bolsa de iniciação científica me fez compreender mais ainda a situação da comunidade. Para escrever um artigo, uma boa base bibliográfica é necessária, o que me levou a entender o conflito que eles tinham com o parque eólico desde o início até aqueles dias, e de fato era algo bem complicado.

Em conversas com moradores, por exemplo, ficávamos sabendo de como era a comunidade antes e o que aconteceu após a implantação do parque. Duas me marcaram muito e me recordo bem, a primeira, se deu quando uma das pás de um aerogerador explodiu durante a noite, causando pânico a toda a população local. Vale salientar aqui que o parque está a poucos metros das primeiras casas.

Como colocou Tavares (2018), a comunidade também sofria com impactos nos seus sistemas aquíferos, as lagoas interdunares, por exemplo, foram aterradas para construção de estradas e estruturas do complexo eólico, e as dunas foram movidas para não atrapalhar a estrada.

Desta forma, pude compreender o impacto das pesquisas acadêmicas naquela região, que antes de mais nada serviam para levar a voz daquele povo ao poder público, para terem a oportunidade de dialogar e se mostrarem presentes no debate do que tange a implantação de empreendimentos causadores de possíveis impactos socioambientais.

Fig. 9. Complexo eólico de Praia Formosa, Praia de Xavier, Camocim



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Como resultado, essa pesquisa me trouxe boas experiências, tanto profissionais quanto pessoais. Ainda no ano de 2018, faltando dois anos para concluir a faculdade, resolvemos publicar meu primeiro artigo com os resultados do que estudamos naquele um ano de bolsa, e foi um grande desafio.

Enquanto acadêmicos, sabemos a importância deste tipo de evento, por isso estava empolgado e nervoso pela responsabilidade que ia ser. De certa forma também estava orgulhoso pelo trabalho que tinha feito, e estava ansioso para saber como seria apresentar os resultados para outros geógrafos (ou futuros geógrafos).

Para isso, escolhemos o Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) para apresentar o trabalho. Aquele evento foi primordial na minha carreira acadêmica, me fez ver ainda mais a importância da geografia para além da academia e da sala de

aula, me fez ter a sensação de pertencimento neste imenso mundo acadêmico a qual estamos inseridos.

Fig. 10. Apresentação dos resultados no ENG 2018



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Realmente eu gostei muito de ter tido toda essa experiência, e naquela época, meu foco era continuar estudando e me dedicando para entrar na pós. Atualmente, sigo caminhos completamente opostos ao da academia, mas o sentimento que tenho é de gratidão por ter participado de projetos tão incríveis que me moldaram enquanto profissional e ser humano.

Naquele momento, foi o momento que encerramos as atividades na comunidade de Xavier, apresentar os resultados e mostrar a outros geógrafos que a energia eólica não é tão sustentável em aspectos socioambientais foi de grande importância, pois a maioria não sabia que a instalação de complexo eólicos poderia trazer tantos problemas.

Mas, a finalização da pesquisa de Xavier não encerrou minhas atividades enquanto pesquisador, depois de alguns meses, como falei anteriormente, conheci a professora Anna Érika, a qual me ofertou a bolsa de extensão falada anteriormente, mas que também me deu a oportunidade de participar de um projeto científico

vinculado ao Ministério da Saúde, desta vez tendo em vista uma comunidade indígena no município de Maracanaú-Ce.

O projeto intitulado 'AgroChui: ações de capacitação para agricultores familiares no território de Maracanaú com vistas à saúde da comunidade do campo da floresta e das águas' visava promover a cartografia social do território, bem como promover oficinas para a capacitação dos moradores, promovendo o bem estar social daquela localidade.

O projeto AgroChui, oficialmente, era vinculado ao IFCE, mas mesmo assim pude participar, e naquela localidade se deram as minhas atividades finais da minha vida acadêmica. Além de bolsista de iniciação científica, tive a oportunidade de acompanhar (e escrever sobre), atividades de extensão, bem como realizar um dos meus estágios curriculares na escola indígena localizada ali.

As primeiras atividades, por norma, sempre se davam por reconhecer o local, para entender as dificuldades dos moradores e compreender para quais rumos a pesquisa ia nos levar. Outras atividades se davam também por: Aproveitamento de Alimentos, Construção da Cartografia Social, Cooperativismo, Empreendedorismo, Construção de fossas verdes, Quintais produtivos e Hortas orgânicas.

Fig. 11. Escola onde as atividades eram desenvolvidas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018

Eu lembro que no primeiro contato com a comunidade, me senti um pouco apreensivo, por tudo se tratar de um ambiente novo, tanto a comunidade, quanto a

orientadora, e isso me afetava diretamente pois não sabia como ia ser. Pra minha surpresa, todos na comunidade nos acolheram super bem e os primeiros contatos serviram para criar uma conexão com aquele lugar, tendo em vista que íamos trabalhar ali durante 18 meses, tempo de duração total do projeto.

A minha parte, além de estagiar na escola, era com a cartografia social da localidade. Assim sendo, minha primeira atividade foi explicar para os moradores a importância desta e como se dariam os trabalhos.

Condiz salientar, que de acordo com Figueiredo (2006), oficinas pedagógicas são um espaço de interação e troca de saberes entre educadores e educandos, possibilitando experiências de exposição do conhecimento de ambas as partes através de dinâmicas e atividades coletivas.

Fig. 12. Primeira oficina de Cartografia Social na comunidade



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

As atividades na comunidade Pitaguary eram momentos em que eu me sentia feliz e realizado, a troca de saberes entre nós, pesquisadores, e os moradores locais era algo fascinante, pois ao mesmo tempo em que levávamos conhecimentos técnicos para ajudá-los em seu dia a dia, aprendemos ensinamentos que vamos levar para o resto da vida, além de nos fazer pessoas mais empáticas tendo em vista a realidade a qual estávamos vendo.

A minha passagem na comunidade Pitaguary, se deu nos meus últimos dois anos de graduação, ou seja, naquele momento era hora de focar em ajudá-los, mas

também para que os resultados fossem externalizados através de publicações de artigos e participação em eventos, afinal, o final do curso estava chegando e eu pretendia ingressar na pós-graduação ao final.

Uma das publicações de um artigo advindo deste projeto, era intitulada “Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) e ações de extensão: potencialidades e formas de consumo na Comunidade Olho D’água, em Macaranaú (CE)”. E tinha o intuito de apresentar outras maneiras de preparar pratos feitos com ingredientes que são identificados na comunidade e são passíveis de desperdício por desconhecimento ou por não haver o hábito em consumi-los pelas famílias, podendo assim serem recompostos na alimentação regular.

A oficina ofertada durante o projeto era de extrema importância, pois de acordo com (GOULART, 2008), o Brasil está entre os 10 países que mais desperdiçam alimentos no planeta. Desta forma, explicamos a importância ecológica, econômica e nutricional de alimentos até então desconhecidos por parte do público consumidor.

Um exemplo do que aprendemos a fazer nesta oficina, se deu pela carne da casca de banana. A banana é uma fruta muito consumida em nosso estado, e por conta disso, optamos pela receita, estávamos ensinando tanto a aproveitar toda a fruta, como ensinando uma receita nova para aquelas pessoas que gostariam de tirar o consumo de carne animal de suas dietas.

Voltando ao assunto do projeto, a próxima fase se deu pela construção da Cartografia Social da comunidade junto aos moradores, e a construção dos mapas sociais utilizando esta técnica tinha como uma das finalidades apresentar ao poder público como deveriam ser demarcadas aquelas terras.

Para trabalhar com a Cartografia Social, primeiramente fizemos o levantamento da Matriz S.W.O.T, uma técnica que utiliza o conhecimento dos moradores para definir as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades do lugar em que moram. E durante a oficina os moradores levantaram pontos estratégicos para pensarmos em conjunto na construção dos mapas.

Levantamento da matriz SWOT da Comunidade Pitaguary



Figura 13. Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Infelizmente, no decorrer do ano de 2019, o projeto passou por alguns cortes, vindos do Ministério da Saúde, e precisamos pausar as atividades, por esta razão, as atividades finais da pesquisa, bem como a publicação, ficaram para o ano seguinte.

Como sabemos, no ano seguinte passamos por um momento muito complicado que foi a pandemia, e no período em que pretendíamos retomar os trabalhos, precisamos todos ficar em casa, impossibilitando que tivéssemos as oficinas para construção dos mapas. Como as oficinas eram fundamentais para a pesquisa, ficamos de retomar depois que estivéssemos seguros.

Mas, como vou falar mais à frente, no ano de 2020 já tinha tomado a decisão de mudar de área, e pelo menos naquele momento, não pretendia mais realizar atividades científicas e acadêmicas. Nos capítulos seguintes, os assuntos que abordarei serão as minhas experiências com o ensino de geografia, passando pelos quatro estágios supervisionados, e como minha decisão de pausar o curso já no final me afetou e me fez chegar onde estou atualmente.

4. O ENSINO DE GEOGRAFIA

4.1 As disciplinas introdutórias e teóricas

Por se tratar de um curso de licenciatura, já sabíamos que em algum momento iríamos para a sala de aula, as expectativas eram grandes e todos tínhamos pensamentos diferentes quanto ao que esperar daquele ambiente. Acho que muito disso porque viemos de realidades escolares diferentes.

Entretanto, como qualquer outra profissão, primeiro deveríamos ver a parte teórica do ensino, e é aí que entram as disciplinas de educação. Neste tópico, vou focar em falar das disciplinas que mais me marcaram, e como pude vê-las depois de ter experiência em sala de aula.

Mas antes, gostaria de falar sobre o primeiro contato com a escola. Isto aconteceu na disciplina de oficina geográfica 3, estávamos no quarto semestre e teríamos que fazer uma atividade em uma escola com crianças do ensino fundamental. Neste primeiro contato, algumas coisas ficaram marcadas.

Pudemos ver como seria árduo o trabalho de educador, desde a parte escolar em si, como infraestrutura e gestão escolares, bem como a parte de lidar com os alunos. Confesso que para mim foi um certo baque, e comecei a encarar a educação de outra maneira.

Falo isso porque a disciplina de oficina 3 veio antes das disciplinas teóricas que me marcaram, o que de certa maneira foi bom porque ao ler os textos e fazer as atividades, comecei a comparar a realidade com a teoria, e assim passar a compreender melhor a realidade do educador.

As disciplinas de educação que mais me marcaram foram sem dúvidas ensino 1 e ensino 2. Essas disciplinas foram essenciais porque acompanharam nossos percursos enquanto fazíamos as disciplinas de estágio e nos faziam refletir o que estávamos vivendo.

Em ensino 2, pudemos ver sobre os livros didáticos de geografia que iríamos usar enquanto professores, baseados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), permitindo fazer comparações com autores acadêmicos e o que falavam sobre a construção do material didático, além do que os autores destes livros gostariam de transmitir aos alunos.

Além de avaliar material didático, outra importante parte da disciplina foi sem dúvidas a análise curricular e a origem do currículo em geografia. Anteriormente,

comentei sobre o que os autores querem passar para os estudantes com os materiais didáticos feitos, e falo isso porque de acordo com o que vimos na disciplina, o currículo foi feito para se adaptar à realidade pós revolução industrial e surgimento do capitalismo.

A maior necessidade de mão de obra prevaemente do aumento nas linhas de produção foi um dos maiores pontos que refletiram no currículo escolar, pois este passou a ser definido (assim como toda a sociedade), a partir do capitalismo industrial, e o sucesso na vida profissional passou a requerer um certo “mérito” no decorrer da vida de estudantes.

Um dos principais autores em dita disciplina foi Tomaz Tadeu da Silva, e seu livro “Documento de Identidades – Uma introdução às teorias do currículo” (SILVA, 2009), neste livro, e nos capítulos que estudamos, o autor discorre sobre a história do currículo, nos fazendo associar com a realidade escolar conhecida através do estágio supervisionado.

Por esta razão, um dos objetivos da disciplina era fazer-nos entender como poderíamos levar alternativas ao ensino de geografia, atrelado à autonomia para incluir assuntos que os alunos viviam no dia a dia, trabalhando questões sociais pouco debatidas dentro do meio escolar.

O mais importante fato aprendido nessa disciplina, foi perceber que todos os agentes devem estar realmente envolvidos no processo de ensino: o educando e o educador. O que requer do professor a organização e competência para elevar o nível das atividades formadoras e práticas sociais, concretizando o ensino para que os estudantes se desenvolvam intelectualmente.

Naquela altura do curso, estava gostando de participar do contexto escolar, e minhas expectativas para ser educador eram altas. A ida à escola junto da compreensão dos temas expostos através das disciplinas teóricas, me fez perceber ainda mais a importância do professor na sociedade. De fato, uma profissão que precisa de muito esforço, mas que no final, sabemos que valerá a pena.

4.2 Estágio Curricular Supervisionado I

Neste tópico, vamos abordar minhas experiências com o estágio à docência, passando pelas quatro disciplinas obrigatórias do ensino em geografia e o quanto elas

me impactaram positivamente, mas também foram decisivas para o meu futuro enquanto profissional.

O estágio supervisionado 1 tinha como conceito, a pesquisa na licenciatura não tendo por finalidade observar somente as aulas de geografia, mas sim a relação entre os alunos e professores, e as interações sociais que farão parte do aprendizado dos alunos tanto quanto a aula tradicional.

Por isso, o estágio supervisionado como pesquisa, teve por finalidade avaliar o espaço escolar e tudo que nele se encontra, foi importante, porque nele observamos o dia a dia do professor de geografia, dos alunos, da direção, da escola como um todo. Foi naquele espaço que tivemos o primeiro contato com a realidade do profissional da educação no Brasil, esta disciplina foi um divisor de águas para quem quis ou não seguir com a docência.

O grande destaque do estágio 1 foi porque ele foi feito na escola em que fui aluno durante boa parte da minha educação básica, o Colégio Padre Mororó. No início achei estranho estar de volta aquele lugar onde estive durante dez anos, mas depois pude entender mais sobre a dinâmica escolar e principalmente das problemáticas da escola.

Fig. 14. Colégio Padre Mororó



Fonte: Arquivo do Autor, 2018.

Como o estágio 1 tinha como objetivo a pesquisa do ambiente escolar, deveríamos ter objetivos claros e um tema de pesquisa. Neste momento, por fazer

parte também do laboratório de Cartografia na época, este foi o tema escolhido para o meu projeto.

Os objetivos gerais se deram por analisar o espaço escolar como instituição formadora e investigar como a temática cartografia estava inserida em seu ambiente, procurando compreender o universo escolar e a atuação dos diferentes elementos que participam da construção como espaço de formação dos cidadãos.

Já os objetivos específicos foram desde verificar as características da escola, abrangendo sua estrutura político-pedagógica, administrativa, física e seus recursos, passando pela compreensão do lugar, os indivíduos sociais que atuam neste processo de construção do espaço e a teia de relacionamento destes, podendo por fim diagnosticar como a temática cartografia estava inserida nas práticas pedagógicas do currículo escolar de geografia.

Fig. 15. Sala de aula da instituição



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Minha experiência na escola foi realmente enriquecedora. Os alunos demonstravam uma certa dedicação aos estudos, e a grande maioria dos professores estavam sempre dispostos a apoiá-los. No entanto, a estrutura escolar enfrentava alguns desafios consideráveis. Os diretores e coordenadores pedagógicos, infelizmente, não conseguiam suprir as necessidades essenciais da instituição, o que impactava diretamente no aprendizado dos alunos. Além disso, questões estruturais comprometiam o ambiente de ensino, como salas de aula pequenas, onde não tinha

ar condicionados que davam conta do calor, e tinham um péssimo isolamento acústico.

Mas, em meio a essas dificuldades, tivemos a oportunidade de realizar uma atividade prática para avaliar o ensino de geografia por meio da cartografia. Decidimos utilizar exemplos do nosso bairro, trazendo uma abordagem alternativa de ensino. Ao explorar elementos do cotidiano dos estudantes, conseguimos criar uma conexão mais próxima entre o conteúdo acadêmico visto e analisado da pesquisa do estágio e a realidade local. Foi uma maneira cativante de abordar a matéria, utilizando elementos familiares para enriquecer o aprendizado.

Assim sendo, o primeiro contato com a escola, me mostrou algumas diferenças entre teoria e prática. Percebi que, embora a teoria sobre o ensino seja muito legal, a realidade educacional apresenta uma série de desafios, particularmente no que diz respeito ao de geografia. E de certa maneira, neste momento eu queria me tornar um educador para utilizar ferramentas alternativas e tentar mudar de alguma forma, mesmo que pequena, a realidade do ensino.

O embate entre o conhecimento teórico da geografia e a prática educacional trouxe à luz importantes pontos. A teoria, por si só, é inspiradora, mas a implementação prática esbarra em algumas questões complicadas, especialmente no domínio do ensino geográfico. Durante esse período, surgiu em mim um forte desejo de seguir a trajetória educacional, com o propósito de aprimorar a qualidade do ensino para os alunos.

O primeiro encontro com o ambiente escolar e a imersão no estudo da geografia revelaram uma dualidade marcante. Enquanto a teoria despertava admiração, a prática educacional apresentava-se como um terreno árido, especialmente na esfera do ensino geográfico. Mas mesmo assim, ao final da disciplina de Estágio 1, minha vontade era de continuar na carreira de professor, para de alguma maneira tentar impactar os alunos positivamente e fazer diferente daquilo que eu estava vendo e criticando na pesquisa.

4.2 Estágio Curricular Supervisionado II

A segunda experiência em sala de aula, aconteceu na disciplina de Estágio 2, que assim como estágio 1, se daria também por uma pesquisa no ambiente escolar, mas com a diferença de que seria numa escola de ensino diferenciada. Com diferenciada, alguns exemplos que se encaixam nisto são: escolas indígenas, quilombolas, IFs, escolas em comunidades tradicionais e EJAs.

A escola onde realizei o estágio dois foi a escola Chuí, na comunidade dos Pitiguarys em Maracanaú - Ce. A escola de ensino fundamental e médio era uma escola indígena, e foi escolhida porque ali eu já realizava as atividades das pesquisas de extensão da bolsa da professora Anna Érika.

Fig. 16. Escola de Ensino Fundamental e Médio Chui



Fonte: Arquivo do Autor. 2019

Falar de educação de um modo único para todos é algo errôneo, pois cada povo e cada indivíduo tem seu modo de vida, o que faz com que um padrão de educação para todos seja inviável em sua prática. Por isto o objetivo do Estágio 2 foi visitar outras modalidades de educação.

Sendo assim, a educação diferenciada age como a principal ferramenta para uma educação multicultural e que perpassa por diversos povos, sendo estes tradicionais ou não. Silva (2011), coloca a educação como uma prática de liberdade, diferentemente do que observamos a partir de estudos que colocam a educação como uma ferramenta de domínio para a continuação de culturas dominantes.

Por isso, a educação diferenciada, como aponta Silva (2011), é vista como algo que transfere às gerações futuras as suas histórias, conhecimentos, tradições, valores políticos, econômicos e sociais. Mesmo que essa educação ainda seja coordenada e decidida por agentes governamentais.

A educação indígena se destaca como uma educação diferenciada, que vem sendo ao mesmo tempo construída pelos próprios índios e reconstruída pelo governo junto aos povos indígenas, em um esforço para entender a realidade das comunidades tradicionais, incluindo suas culturas, a partir de suas concepções sobre aspectos da realidade coletiva e sobre suas imagens de mundo. (MAGALHÃES; LANDIM 2013 p. 43)

Estagiar em uma escola diferenciada indígena foi algo válido para compreender na prática como se dá o ensino de geografia nestes ambientes, e também saber como os agentes externos às comunidades agem para garantir a manutenção da cultura de um povo.

Assim sendo, a identidade social e o contexto em que os indivíduos constroem o espaço escolar deveriam nos despertar um método que diferenciaria do tradicional, que procurava apenas preparar os alunos para o tradicional vestibular, mesmo se tratando de uma escola diferenciada. Por conta disso, principalmente naquela instituição, tínhamos o dever de aderir a novos métodos.

Perceber como a Geografia foi tratada institucionalmente nas leis para educação indígena foi de extrema importância para a compreensão de como são formadas as bases e seus conceitos chaves, dando possibilidades para compreendê-la dentro do contexto educacional diferenciado, fornecendo subsídios para uma prática mais presente dentro da sala de aula, além de ser essencial para a compreensão do espaço escolar indígena.

Fig. 17. Alunos da instituição em sala de aula



Fonte: Arquivo do Autor, 2019.

Para o desenvolvimento do trabalho na referida escola, pensamos em utilizar a construção da cartografia social para compreensão dos conceitos básicos da

ciência geográfica, onde dividimos as atividades em dias diferentes, e que em um primeiro momento os alunos se mostraram “tímidos”, o que nos levou a algo que inclusive comentei anteriormente, a inserção do pesquisador na comunidade para construção de relação.

No primeiro contato com os alunos, foi feita uma aula expositiva sobre os principais conceitos da geografia, focando no que iríamos trabalhar no decorrer dos encontros. No momento da aula expositiva, os alunos começaram a demonstrar interesse pela aula, pois durante a nossa conversa foram utilizados exemplos do dia a dia dos alunos, sempre relacionando a parte teórica com suas vivências e suas culturas.

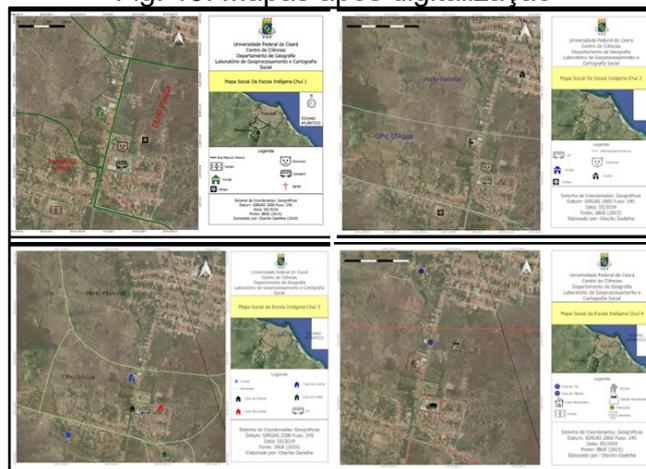
As atividades passaram por criação de mapas mentais, construção da cartografia social utilizando overlays, digitalização destes mapas e por fim algumas perguntas aplicadas aos alunos, como podemos ver na figura 18 alguns exemplos:

Fig. 18. Mapas mentais feitos pelos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Fig. 19. Mapas após digitalização



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Portanto, pôde-se concluir como satisfatórios os resultados da experiência de Estágio à Docência 2. Isto se deu ao fato de desde o começo a escola ser aberta e receptiva, assim como a professora supervisora sempre estar disposta a ajudar.

Outro ponto satisfatório foi a aceitação por parte dos alunos das atividades propostas, eles sempre mostraram-se interessados em entender o que estava sendo feito, e também sempre estavam dispostos a ajudar, o que prova, na prática que metodologias alternativas para o ensino de geografia são válidas para promover discussões e aumentar a percepção sobre disciplinas e matérias da BNCC.

Já as lições enquanto futuro professor de geografia foram de que as escolas diferenciadas têm um peso extremamente importante para comunidades tradicionais, a escola em questão conta com matérias como educação e cultura indígena e arte indígena, o que nos confirma o que foi falado anteriormente na teoria, onde foi exposto que o MEC, junto às representações das comunidades age para que esse multiculturalismo no país seja respeitado em sua essência, e que haja a continuação da manutenção destas culturas.

Neste sentido, a geografia entra como disciplina primordial para a superação do ensino fragmentado, pois com os mais diversos conteúdos podem ser utilizadas metodologias diferentes e que despertem a curiosidade dos alunos, fazendo com que, na prática, aconteça o que estamos acostumados a ler desde o primeiro contato com o magistério, que o ensino deve ser renovado e o tradicionalismo possa ser substituído, ou no caso exista como complemento, para que as metodologias de aprendizagem possam mudar fazendo com que os alunos possam se interessar pela educação, pois só assim teremos uma sociedade melhor para todos.

4.3 Estágio Curricular Supervisionado III e IV

No segundo semestre de 2019 e primeiro de 2020, já nos semestres finais da universidade, chegamos aos estágios mais importantes da graduação os Estágios 3 e 4. Considero que estes foram os mais importantes da graduação porque teríamos realmente a rotina enquanto professores.

Nestas disciplinas, o foco é no ensino de geografia para os alunos do ensino fundamental (Estágio 3), e médio (Estágio 4). Além disso, precisaríamos preparar

aulas, corrigir provas, preencher diários. Tudo que um professor há mais tempo no magistério faz em seu dia a dia.

O Estágio 3 foi realizado em uma escola do meu bairro, o conjunto Nova Metrópole em Caucaia. O colégio se chamava Escola de Ensino Fundamental Francisca Alves do Amaral e as turmas escolhidas foram do oitavo e nono ano. Ao chegar naquela escola, tive a grata surpresa da professora orientadora de estágio ter sido uma antiga professora de geografia minha, a 'tia' Débora.

A professora Débora me explicou como se dariam as atividades, e naquele momento eu compreendi que os professores orientadores de estágio ficam bem felizes com estagiários em suas escolas, pois assim podem ajudá-los na rotina exaustiva.

Fig. 20. Alunos em sala na Escola Amaral



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Os alunos da turma do nono ano, eram alunos maravilhosos, se mostravam dedicados e interessados nas matérias e quando parávamos para conversar sobre coisas da vida, tinham interesse em estudar em escolas federais e depois em um curso de graduação. Naquela época, ao conversar com a professora Débora, decidimos então, além das aulas convencionais, prepararmos aulas dedicadas para a prova do IFCE, na modalidade de ensino médio, para resolver questões específicas e ajudá-los em suas dúvidas.

No Estágio 3 e na minha experiência no ensino fundamental, pude ver também que os alunos quando estão em classes maiores como oitavo e nono ano, são um pouco mais difíceis de lidar, pois como já são adolescentes têm o sentimento de não

querer obedecer e desejam fazer tudo por conta própria, o que era o caso do oitavo ano.

Uma coisa que eu gostaria de falar, é que a partir do Estágio 3, onde a rotina de professor estava ficando mais intensa, comecei a me questionar a respeito de como seria seguir na profissão, pois naquela altura, eu já tinha me dado conta que os problemas educacionais são bem mais profundos do que achei que fossem, e aquela parte de querer mudar a realidade, pensada lá no Estágio 1, talvez não fosse tão fácil ou agradável de conseguir.

Naquele momento em que estagiávamos e tínhamos aulas teóricas sobre o ensino de geografia, as comparações entre realidade e teoria eram inevitáveis. Na teoria, a educação nos faz sentir seres humanos melhores, ansiosos por transmitir conhecimento. Porém, encarar a prática revelou uma situação complexa.

As escolas enfrentam inúmeras questões, como falei anteriormente pelo que foi visto na disciplina de Ensino 2 no que diz respeito aos currículos escolares, estes foram moldados desde os primórdios da revolução industrial, para produzir trabalhadores, mantendo o *status quo* do capitalismo. Essa percepção me entristeceu profundamente.

Ser educador no Brasil é, sem dúvidas, desafiador. Enfrentamos uma série de obstáculos, desde problemas estruturais até a falta de reconhecimento e uma remuneração que não condiz com a carga de trabalho. Entretanto, apesar disto, a recompensa vem de maneira singular, sendo esta quando percebemos o impacto positivo em um aluno na sala de aula. É gratificante saber que conseguimos plantar sementes de conhecimento que irão acompanhar esses jovens por toda a vida.

Lidar com as complexidades da sala de aula e as dificuldades do sistema educacional nos fez refletir sobre a origem desses desafios. No entanto, o poder de influenciar vidas torna a jornada do professor única e significativa. É nesse momento que o cansaço se dissipa, pois percebemos o impacto positivo que podemos ter na vida dos alunos.

É até engraçado comentar isto, porque muito se é falado enquanto estamos na academia, que quando estamos em uma sala de muitos alunos e impactamos pelo

menos um deles, nosso trabalho já foi feito com primor, e depois de ir pra sala de aula compreendemos o porque desta afirmação.

Fig. 21. Turma do oitavo ano da escola Amaral



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Por fim posso dizer que estagiar naquela escola e ter uma professora que já tinha dado aula pra mim como orientadora foi uma experiência riquíssima tanto para compreender melhor o dia a dia de um professor que está há muitos anos no magistério, quanto para tentar pôr em prática as alternativas para o ensino de geografia que pudessem fazer a diferença no dia a dia dos alunos.

Neste próximo tópico, abordarei o quarto e último estágio em ensino de geografia, que veio a acontecer no primeiro semestre de 2020, onde todos fomos pegos de surpresa pela pandemia de Covid 19. Os planos originais do último estágio, era fazê-lo no IFCE campus Fortaleza, nas turmas de ensino médio integrado onde tinha a professora Anna Erika enquanto orientadora.

Quando começamos a fazer o planejamento do estágio, em fevereiro daquele ano, planejamos ter as turmas de segundo e terceiro ano do curso de edificações, onde a professora dava aulas de geografia e iríamos trabalhar os conteúdos geográficos tentando relacionar com os vestibulares do Enem e da Uece. Confesso que a possibilidade de estagiar no IFCE me fez criar boas expectativas para aquele semestre, pois via a instituição como um bom lugar para se trabalhar tendo em vista sua infraestrutura e organização.

Infelizmente, em meados de março o Covid chegou e tivemos que parar as atividades, as instituições de ensino de nível básico, médio e superior foram forçadas

a parar suas atividades pois todos estávamos na incerteza de quanto tempo ia demorar pra superar aquele problema.

Com o passar dos meses, e a consequente divulgação de estudos científicos onde mostrou a todos que não poderíamos voltar a ter atividades presenciais sem ter uma vacina contra o vírus, fez com que as instituições pensassem em um plano de contingência para voltar às atividades, e este plano incluía o ensino remoto.

Superar essa fase foi complicado. A falta de contato presencial com a turma foi um dos grandes desafios. Sem poder vê-los pessoalmente, houve um desconforto enorme. Adaptar-se a uma nova forma de ensino à distância, tentando manter o nível de qualidade do ensino, foi uma batalha constante, ainda mais porque não nos conhecíamos e como foi dito diversas vezes no decorrer deste trabalho, conhecer a sua turma ou as pessoas onde realizará uma pesquisa é essencial para obter êxito no trabalho proposto.

A professora Anna Érika não mediu esforços para tentar contornar a situação, para início dos trabalhos, a orientadora entregou uma cartilha aos alunos falando como ia ser daquele ponto até o ponto de estarmos seguros para retornar ao ensino presencial.

Fig. 21. Cartilha sobre o ensino remoto



Fonte: Lima, 2020.

Passados alguns meses desde o início da pandemia, finalmente começamos os trabalhos com as turmas de Ensino Médio Técnico em Edificações. As atividades ocorriam regularmente nas manhãs de segunda-feira e nas tardes de quarta-feira. Inicialmente, estabeleci um contato presencial com a turma P4, tive a primeira aula pessoalmente, proporcionando uma interação direta e mais próxima.

No entanto, em decorrência da pandemia de COVID-19, houve a transição completa para o ambiente virtual. O ensino remoto passou a ser a norma, e a

interação com os alunos passou a ser mediada principalmente pelo Google Classroom. Esta plataforma tornou-se o principal meio de comunicação, permitindo a continuidade das aulas e a condução do processo de aprendizado, adaptando-se ao contexto de distanciamento social.

Fig. 22. Aula remota no ensino médio



Fonte: Arquivo do Autor, 2020.

Em conclusão, avalio que a experiência foi positiva dentro das circunstâncias existentes naquele momento de pandemia. Observamos uma participação dos alunos nas atividades e aulas assíncronas, mas com um pequeno déficit nas aulas síncronas, mas entendemos que era compreensível diante do contexto de *lockdown* que vivíamos naquela época.

No entanto, foi possível superar esses obstáculos e concluir o semestre com êxito. Gostaria de expressar minha gratidão à professora Anna Erika (*in memoriam*), que atuou de forma empática e dedicada auxiliando os estudantes (me incluo nessa) que necessitavam de suporte sendo crucial e fundamental para aquele momento específico. Sua abordagem atenciosa proporcionou um ambiente de aprendizado mais acolhedor e eficaz, contribuindo diretamente para o sucesso alcançado ao final do semestre.

5. MUDANÇA ATUAL DE CARREIRA

Nos semestres finais da universidade, mais precisamente no ano de 2019, enquanto eu ainda estava terminando os estágios e a graduação, tive a oportunidade de participar de dois programas que foram decisivos para o meu futuro enquanto professor de geografia e profissional.

O primeiro deles, foi quando entrei no programa de extensão chamado Centro de Empreendedorismo da UFC, um projeto voltado a fomentar o empreendedorismo

universitário naqueles alunos que não gostariam de seguir carreira acadêmica, mas também não sabiam de outras oportunidades que poderiam ter ao finalizar suas graduações.

Neste caso, naquele momento, estava em dúvida sobre qual rumo seguir após finalizar meu curso, confesso que não gostaria de seguir carreira acadêmica, e pelo menos naquele momento, não me via lecionando também. Esta dúvida me deixava um pouco ansioso porque considero que meus quatro anos no curso de geografia foram perfeitos, a geografia me ensinou diversos aprendizados e eu estava ansioso para colocar muitas delas em prática.

Fig. 23. Bolsistas voluntários do Centro de Empreendedorismo



Fonte: Arquivo do Autor, 2019.

Ao participar do programa de extensão, estive em contato com estudantes de diversos cursos, e as trocas que tivemos foram de suma importância para eu entender o que queria para depois que me formasse em geografia. Naquele momento gostaria de trabalhar em uma empresa de educação, onde pudesse usar o ensino de geografia na minha vida profissional, mesmo que fora de uma escola.

Entretanto, também em 2019, tive a oportunidade de participar de um programa de voluntariado internacional, e durante dois meses, morei na cidade de Bogotá, na Colômbia. Naquela localidade, trabalhei em uma instituição que acolhia crianças em situação social vulnerável, e tínhamos por objetivo realizar a conscientização delas a respeito do meio ambiente.

Este projeto tinha tudo a ver com geografia e com o conteúdo visto durante meus anos de graduação. Desde o início, tive contato com empreendimentos que causavam impactos ambientais, e como fazer para contornar os problemas deixados

por eles. Naquele momento, me sentia extremamente feliz por estar trabalhando com isso dessa vez em outro país.

Realizar este trabalho em outro país, atrelado às experiências recentes que eu tive no programa de extensão profissional que eu era voluntário, começaram a trilhar o meu caminho para onde estou hoje em dia.

A geografia me ensinou que em absolutamente todo e qualquer aspecto de nossa vida, ela vai estar presente. A ciência geográfica, desde que o mundo é mundo, esteve presente seja para organização social, definição de aspectos e fenômenos terrestres, e também para organização do espaço e lugar.

Me refiro assim sobre a geografia, porque ao voltar para o Brasil após o projeto voluntário em que participei, cheguei à conclusão de que tinha como meta ampliar meus horizontes e sair do país para viver no exterior, e o meu maior questionamento era como poderia utilizar a geografia para isto.

A primeira opção, era seguir com uma carreira de pós graduação e aplicar para bolsas em outras universidades, entretanto, como sabemos, o ano de 2020, veio e com ele a pandemia, nos obrigando a ficar todos em casa por tempo até então indeterminado.

Assim como para outras pessoas, a pandemia veio como um balde de água fria em meus planos para quando terminasse a graduação. O primeiro deles foi a graduação em si, os planos eram terminá-la no primeiro semestre do ano de 2020 mas com a pandemia e todas as atividades universitárias paradas, bem como as incertezas e medos, fui adiando o final dela.

Entretanto, durante o *lockdown* e enquanto esperava ansioso pela criação da vacina, bem como para a finalização do meu curso, resolvi começar um curso de inglês pois sabia que quando tudo isso passasse, ia poder pôr em prática meu plano de viver fora do país por tempo indeterminado.

Os meses foram se passando, e em meados de 2020, quando voltamos às aulas na faculdade e também às atividades do estágio, de maneira remota, pude concluir todas as atividades que faltavam para finalizar meu curso, exceto uma: o trabalho de conclusão de curso. Este tópico realmente me deixava apreensivo, mesmo tendo concluído vários trabalhos durante a graduação, a apreensão do TCC me fazia adiar várias vezes o seu início.

Nesse meio tempo, continuava os estudos do inglês com o foco de sair do país quando acabasse a pandemia. Além disto, naquela época, acabei entrando numa

ONG chamada AIESEC, esta ONG é responsável por fomentar intercâmbios voluntários e profissionais a jovens de todo o planeta, inclusive foi nessa ONG que consegui participar do projeto na Colômbia no ano de 2019.

Minha intenção ao entrar na AIESEC, era conhecer mais seus processos internos, ter experiência profissional (mesmo com trabalho voluntário) e pleitear vagas em seu programa de intercâmbio profissional em outro país. Os meses foram se passando, fui conquistando mais experiências e aprendendo mais sobre o mercado de trabalho internacional e suas diferenças.

Passados dois anos, já em 2022, comecei a fazer entrevistas de emprego para vagas internacionais, e mesmo que diretamente não tivessem relação com a geografia, essas tentativas me faziam enxergar que eu só estava naquela posição e tentando aquelas vagas por conta da geografia.

A ciência geográfica me fez, durante várias vezes, ver que o mundo é bem maior do que eu imaginava, e sempre me instigou a querer buscar ver mais e conhecer mais de outras culturas e povos. Por conta disto e da minha persistência, em maio de 2022 fui aprovado em uma vaga de estágio em uma multinacional indiana na cidade de Budapeste.

Naquele momento, um turbilhão de coisas passou pela minha mente, e toda minha trajetória no curso, nos projetos internos e externos à universidade vieram à tona. A geografia me fez chegar onde eu quis e atingir meus objetivos.

Neste momento, em 2023, eu continuo trabalhando e morando na Hungria, mas sendo bem honesto, penso muito em voltar para o Brasil para construir uma vida aqui e quem sabe continuar minha carreira acadêmica e do magistério. Uma coisa que sempre serei grato e que sempre vou lembrar serão meus anos no curso de geografia e tudo que aprendi estudando sobre a ciência geográfica. A geografia me levou a lugares que eu jamais pensei, e todos os meus objetivos de vida se mostram relacionados com ela pois o que mais quero é conhecer mais culturas lugares e pessoas que jamais teria conhecimento se não fosse a ciência geográfica.

6. CONCLUSÃO

Para concluir, considero que a minha jornada na licenciatura em geografia foi muito rica, cheia de descobertas e desafios. A geografia me fez ter outra visão de mundo, me fez ver que o mundo é muito mais plural e grande do que imaginamos, e me mostrou que com ela posso chegar a lugares nunca antes imaginados.

O presente trabalho me fez ver que o Otacílio que entrou no curso em 2016, era uma pessoa completamente ingênua e sem conhecimentos do mundo real, tendo em vista a criação e as experiências que teve. Mas que ao entrar na Universidade Federal do Ceará, mudou completamente e evoluiu enquanto ser humano.

Também pude contribuir com as comunidades tradicionais através dos projetos de pesquisa e extensão que participei e pude ver o impacto da Universidade além de suas paredes, vivenciando a prática seus pilares de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Ademais, avaliei minha passagem pelo magistério e minhas contribuições no que diz respeito a construir um ensino de geografia para todos e pensando além do tradicional sentar e ouvir a aula, propondo metodologias para fazer com que os alunos absorvam o conteúdo pautados em suas experiências de vida.

Por fim, avalio que minha passagem pelo curso de geografia me fez ser outra pessoa, o Otacílio de 2023 tem conhecimentos que jamais imaginou ter no passado, e claro uma outra visão de vida. Neste momento busco fechar este lindo ciclo chamado Geografia, com um sentimento de gratidão por tudo que o curso me proporcionou e

REFERÊNCIAS

Carvalho, Mariano de Oliveira. **Cartografia Social e Ensino de Geografia**: um relato de práticas participativas em prol da relação ensino-aprendizagem e da compreensão do espaço.

Link: www.eng2017.agb.org.br/simpósio/anaiscomplementares (AGB)

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimento. 18. ed. Campinas: Papirus, 1998. 192 p.

DA SILVA, Edson Alves. **A educação diferenciada para o fortalecimento da comunidade quilombola: Estudo das comunidades remanescentes vale do ribeira.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade.) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FIGUEIRÊDO, M. D. A. C. D. et al. **Metodologia de oficina pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes.** Revista eletrônica extensão cidadã, João Pessoa, v. 2, n. 4, jan./dez. 2006.

LANDIM, Francisco Otávio; MAGALHÃES, Gledson Bezerra. A GEOGRAFIA NAS ETAPAS JURÍDICAS E INSTITUCIONAIS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, Dezembro 2013.

MENDES, Jociléia De Sousa. Parques eólicos e comunidades tradicionais no Nordeste brasileiro: estudo de caso da Comunidade de Xavier, litoral oeste do Ceará, por meio da abordagem ecológica/participativa. **Repositório Institucional UFC**, Fortaleza, 2017./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22807>>. Acesso em: 21 nov. 2023.]

Mornul, 2013: [Vista do Breves considerações acerca do Pensamento Geográfico: elementos para análise \(ufsm.br\) / Breves considerações acerca do Pensamento Geográfico: elementos para análise | Geografia Ensino & Pesquisa \(ufsm.br\)](#)

TAVARES, Gisleidya Uchôa. Impactos socioambientais na geração de energia eólica: supressão de lagoas interdunares e insegurança alimentar na comunidade de Xavier, Camocim, Ceará. 2018. 27f. Artigo. (Bacharelado em Geografia)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.